

16.

Março de 2011 - Rio de Janeiro - de volta à casa

Ouvir o outro, os outros, é ampliar a dimensão espiritual de sua própria língua, ou seja, colocá-la em relação. Compreender o outro, os outros, é aceitar que a verdade de outro lugar se justapõe à verdade daqui. E harmonizar-se ao outro, é aceitar acrescentar às estratégias particulares desenvolvidas em favor de cada língua regional ou nacional, estratégias de conjunto que seriam discutidas em comum. Tenho a impressão de que no panorama atual do mundo, é a missão do poeta, do escritor e do intelectual refletir e avançar propostas, considerando todas essas coordenadas, todas essas relações, todos esses entrelaçamentos que envolvem a questão das línguas³⁸.

Édouard Glissant, no livro *Introdução a uma Poética da Diversidade*, diz que hoje já não é mais possível falar e, principalmente, escrever, sem que nesta fala ou escrita estejam presentes todas as línguas do mundo. Não é uma questão de conhecê-las, mas saber que, no movimento atual do mundo, o encontro tão fácil e imediato entre diferentes comunidades não sustenta uma fala monolíngue. Através do encontro entre línguas, culturas, estamos sempre promovendo aberturas no nosso próprio pensamento e determinando relações, sejam elas de dominação, opressão ou troca.

Durante esta pesquisa, tive enormes dificuldades, e uma delas, foi em relação à língua. Ao mesmo tempo, limitante e ampliadora. Limitante, porque eu nunca parecia conseguir tocar exatamente o sentido, e ampliadora, porque eu nunca parecia conseguir me ater exatamente ao sentido. Quase todo o material pesquisado não estava em português, no Brasil há muito pouca coisa escrita sobre isto, e especificamente, sobre a arte dos griots, praticamente não há. A tese de Isaac Bernat sobre Sotigui foi um alento, uma boa companhia. Desta forma, estive trabalhando sempre num cruzamento de línguas, e sempre sobre traduções, já que as línguas originais, africanas, são completamente obscuras para mim. Basicamente, as línguas com as quais mais tive contato foram o inglês e o francês, no qual tenho, infelizmente, mais dificuldade e que me ampliaria o repertório bibliográfico. Nos Estados Unidos há muita pesquisa sendo feita sobre os griots, através de diferentes enfoques, histórico, musical, literário e antropológico. A África desperta muito interesse entre músicos americanos, são

³⁸ GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 55.

muitos os que vão para lá em busca de aperfeiçoamento. Como não fui ao Mali, embora esteja absolutamente decidida a aceitar o convite de Toumani, mesmo que ele tenha desistido de me receber, os livros foram minhas âncoras. Músicas, filmes e vídeos tornaram possível que eu tivesse alguma sensação de experiência, que influenciou de maneira decisiva esta escrita. Glissant, ainda neste texto diz, a respeito da tradução: "A tradução, arte do saber tocar de leve e da aproximação, é uma prática do rastro/resíduo." Não me arrisquei a fazer nenhuma tradução, mas acho que esta seria uma boa definição para o exercício proposto aqui. Mesmo quando ouvia os próprios griots falarem em francês ou inglês, tinha a sensação de que alguma coisa se ocultava naquilo que as palavras revelavam. A língua não era aquela, alguma coisa ali não estava, e era ainda, mesmo assim, exatamente aquela, a que estava sendo usada, a língua que agia, a que me alcançava.

A maneira como as artes, no Mande, se relacionam, parece fazer eco ao modo como a sociedade se organiza. A comunidade é um espaço capaz de fomentar as identidades e singularidades, ao mesmo tempo em que a noção de sujeito se dá através do pertencimento ao grupo. Penso que as artes são, também, um compartilhamento de vozes, é possível distingui-las, elas mantêm suas particularidades, mas seu sentido se faz no pertencimento. Este compartilhar que dá e gera sentido, e que, sobretudo, exige presença. Por alguns instantes esta sensação de compartilhamento não me parece assim tão estrangeira.

Ao entrar em contato mais próximo com uma cultura que se estabeleceu de maneira tão diversa da minha, entendo que há outras verdades e outras possibilidades, e mais do que nunca, reconheço os limites impostos pelas diferenças, limites que algumas vezes podem ser estendidos, que são barreiras e não impossibilidades absolutas. Mas estendê-los não significa conformá-los ou reduzi-los e nem, tampouco, exige pequeno esforço. Esforço que é, antes de tudo, pessoal, e coloca em ação forças potentes como *fadenya* e *fasyia*. O mundo se desconforta e não é mais possível pensar de modo universal e generalizante.

Tanto Glissant quanto Paul Zumthor falam de uma volta do ocidente à oralidade. A tecnologia estaria nos levando de volta à oralidade. Há muito o que se pesquisar sobre isto. Não sei se seria correto afirmar que é uma volta, não acho que tornaremos a um lugar do qual saímos. Talvez estejamos realmente caminhando para uma outra forma de oralidade. Claramente é outra que não a produzida nos lugares distantes da modernidade, os quais nunca saíram de sua

tradição oral, pelo contrário, têm-na mantido adaptando-a a estas novas tecnologias, incorporando-as à sua prática. Lugares estes que vem recebendo maior atenção num mundo onde as diversidades são cada vez mais expostas. A idéia de oratura me parece apresentar um caminho interessante porque abarca todas as artes que são movimentadas ao se narrar uma história, e leva em conta toda a cultura que produz esta narrativa. O Brasil tem uma forte tradição oral, o termo oralidade, para mim, parece trazer em si uma noção abrangente, mas que ainda está contaminado pela ideia da falta.

A África Ocidental, a região do antigo Império Mande, tem contaminado outras partes do mundo através de seus griots, que, como faziam antes seus ancestrais pelo interior da África, saem eles agora pelos continentes se apresentando e ensinando artistas das mais variadas tradições. Alguns dos mais talentosos e bem sucedidos artistas africanos estabeleceram sólidas carreiras internacionais, e se mantêm no exterior. São eles os responsáveis por desenvolver, em outros territórios, uma nova e mesma tradição de griots.

Durante esta pesquisa, no dia 17 de abril, o griot Sotigui Kouyate faleceu. Em um determinado momento fui colocada em cópia, na troca de emails feita entre os amigos que receberam Sotigui no Brasil e que com ele foram ao Mali. Uma destas pessoas, a atriz Ana Achcar estava lá, em Paris, no hospital, durante sua despedida. Li, no email enviado por Ana, um relato muito bonito e emocionado, que, infelizmente, não pude copiar aqui, mas que muito me tocou, eu, que de alguma forma, já parecia tê-lo conhecido. Sotigui vinha doente há muito tempo, tinha sérios problemas nos pulmões. Muito magro e fraco, já não mais conseguia se movimentar, foi preciso, então, interná-lo. Depois de três dias nos quais sofreu com a falta de ar, perguntaram-lhe se queria que tirasse a máscara, ele, com a cabeça, disse que sim. Os enfermeiros disseram que sem a máscara ele resistiria por mais alguns minutos. Familiares e amigos presentes fizeram um círculo em sua volta, deram as mãos e seguiram falando com Sotigui, que respondia sempre sim ou não com a cabeça. Hassane, um amigo presente, começou a contar sua história, ele a ouvia, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça, acompanhando a história. Permaneceram assim por cinco horas e meia. Até que Sotigui parou de respirar. Um griot do início ao fim levado por vozes, vozes que o constituíram, vozes que o manterão vivo.

Depois que Sotigui foi para a África, todos se reuniram na sua casa, em Lilás para a prece muçulmana e a *griotage*. Ana diz que esta cerimônia foi uma celebração, ainda que com algumas lágrimas. As griotes estavam muito bem vestidas, enquanto os homens africanos usavam terno. Um griot contava a história, que era aprovada pelos outros que ouviam, se alguém discordava, pegava para si a palavra e continuava a contação. Para a prece, a sala dividiu-se, homens de um lado e mulheres de outro, todos cobriram suas cabeças. Depois as griotes começaram a cantar...

Sotigui foi enterrado em Ougadougou, no Burkina Faso, com honras de chefe de estado. Um outro email trouxe notícias de sua chegada à África. Todos os seus nove filhos e as três esposas estavam presentes às cerimônias, havia muita gente, havia também delegações do Mali e do Níger, homenageando-o. Sotigui foi velado durante dois dias. Sua segunda esposa organizou uma dança com máscaras que acompanhou todo o cortejo, da casa ao cemitério.

Na voz dos griots, naquilo que os diferencia, no que os identifica culturalmente, estão também presentes todas as vozes do mundo, um mundo do qual somos sempre estrangeiros.

Por isso dizem, no meu país, que quando se vê uma pessoa, nessa pessoa há a pessoa da pessoa e nós encontramos essas outras pessoas, as que nos enriquecem, as que nos revelam a nós mesmos no encontro com os outros, e dizemos: "Se você vir o outro, não tenha medo de olhá-lo nos olhos." Então você compreenderá que o que os aproxima é muito maior do que o que os separa. Toda exclusão, toda rejeição, é fruto do desconhecimento do outro.³⁹

Vozes ressoam em meu ouvido enquanto acabo de escrever este texto. Vozes próximas e distantes, às vezes quase sussurros, que deixam marcas no que aqui fica em branco, nos espaços vazios que insistem em se revelar. Nada se conclui, a não ser o exercício de aproximação. Inúmeras perguntas saltam como reflexos em espelhos múltiplos. Possíveis janelas. Este texto se fez a partir de outros textos, como já disse, mas se fez principalmente no próprio exercício de sua escrita, foi ela que definiu este corpo que se apresenta. Este é mais um corpo que conta, que, numa trama impossível de se revelar, produziu ele mesmo, através da escrita, de forma nenhuma anterior a ela, a matéria que o constitui.

³⁹ KOUYATE, Sotigui, no documentário Sotigui Koate: Um griot no Brasil. São Paulo: SESC TV, 2006.

Corpos em diferença, sutilezas determinantes, lugares inapreensíveis, espaços sempre estrangeiros.

Michel Leiris escreve, em *Espelho da Tauromaquia*, sobre uma escrita que coloca o corpo em risco, como numa tourada. O risco de que fala não é apenas metáfora, o corpo se coloca verdadeiramente em perigo, se arrisca. Assim, eu termino aqui com a pele arranhada por este outro, torcendo para que estes arranhões tão cedo não parem de arder.